



Encontro Nacional de Pesquisadoras  
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024  
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:  
desafios a uma formação profissional  
emancipatória no Serviço Social

**Eixo temático: Serviço Social: fundamentos, formação e trabalho profissional**

**Sub-eixo: Fundamentos do Serviço Social**

## **SERVIÇO SOCIAL, MARXISMO E CRISE CONTEMPORÂNEA DO CAPITAL: ELEMENTOS TEÓRICOS PARA O DEBATE.**

**ROSÂNGELA CAVALCANTI DA SILVA<sup>1</sup>**

### **RESUMO**

O trabalho que ora apresentamos tem por finalidade traçar uma relação entre crise contemporânea do capital e o Serviço Social brasileiro apontando os impactos diretos na profissão haja vista que o objeto da nossa intervenção é produto de relações sociais antagônicas constituídas no capitalismo. Por esta razão, a preocupação central é reafirmar o marxismo como orientação hegemônica da profissão.

**Palavras-chave:** Capitalismo; Crise; Serviço Social; Marxismo.

### **ABSTRACT**

The work we present here aims to trace a relationship between the contemporary crisis of capital and Brazilian Social Work, pointing out the direct impacts on the profession, given that the object of our intervention is the product of antagonistic social relations constituted in capitalism. For this reason, the central concern is to reaffirm Marxism as the hegemonic orientation of the profession.

**Keywords:** Capitalism; Crisis; Social Services; Marxism.

## **1. INTRODUÇÃO**

Pensar o Serviço Social hoje é uma tarefa que exige não apenas compromisso teórico, metodológico e técnico, mas é, sobretudo, uma tarefa ética e também política na defesa de uma profissão que se colocou à disposição de uma das classes sociais: a classe trabalhadora. O cenário que estamos inseridas(os), seja enquanto profissão, seja enquanto sujeitos individuais e coletivos, é adverso a nós, que somos e nos reconhecemos enquanto classe explorada; que não

---

<sup>1</sup> Universidade Federal do Rio Grande do Norte

detemos os meios de produzir riqueza e não participamos da socialização ou da divisão da riqueza que nós mesmos produzimos.

Neste breve ensaio teórico apresentamos uma discussão, cujo elemento central é traçar um panorama do atual estágio da crise do capitalismo, evidenciando que as suas bases de sustentação estão ameaçadas, mas que ele este capital possui estratégias de organização e reorganização para manter-se dominante. Assim, nos interessa pensar, essencialmente a partir da tradição marxiana e marxista, que o modo de produção capitalista, atravessa uma das suas mais perversas crises, mas que esta crise, não é apenas uma crise de produção de mercadorias, mas uma crise política e social, que intervém diretamente nas relações sociais de modo geral.

Assim, nossa preocupação é apresentar elementos que caracterizam essa crise, mas fazendo um recorte de como ela se espalha na sociedade a ponto de chegar ao Serviço Social, seja do ponto de vista do objeto de intervenção da profissão \_ a questão social \_, seja o cenário das políticas sociais, ou seja, da localização do Estado neste contexto. De todo modo, pela forma que concebemos as relações sociais e a divisão social e técnica do trabalho, entendemos que a dinâmica do capitalismo, intervém diretamente no Serviço Social e, portanto, tal crise, também possui desdobramentos políticos, teóricos e éticos ao conjunto da classe trabalhadora, que nosso caso, fazemos o recorte no Brasil bem como ao Serviço Social, de tal modo que, compreendemos as estratégias do capital para manter sua hegemonia e desta forma, indicar que o conservadorismo que vimos discutir amplamente nos espaços da profissão trata-se da leitura da realidade a que intervimos diariamente.

Por ora, o(a) leitor(a) está situado previamente, mesmo que de maneira implícita, que nos vinculamos à tradição do pensamento do autor alemão Karl Marx (1818 - 1883) e seu método de análise da sociedade burguesa. Em seu método de análise, Marx parte do pressuposto de que há que se partir do mundo material para torná-lo ideal e assim poder tornar esse mundo real em um *concreto pensado*. Portanto, o materialismo histórico-dialético, é nosso método de análise e este texto constitui-se de uma revisão bibliográfica do tema abordado. O ponto de partida deste debate deu-se no Programa de Pós-Graduação em Serviço Social quando ainda estava vinculada como discente do curso de mestrado, mas foi o cotidiano como profissional na política social de



Encontro Nacional de Pesquisadoras  
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024  
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:  
desafios a uma formação profissional  
emancipatória no Serviço Social

Assistência Social em um município de pequeno porte <sup>2</sup> e posteriormente em um município de grande porte que nos levaram as elaborações que aqui apresentamos sinteticamente.

## 2. Algumas notas sobre a crise contemporânea do capitalismo

A elaboração teórica de Karl Marx, especialmente nas edições de O Capital, inaugura uma série de discussões nas Ciências Sociais a respeito da organização de homens e mulheres em sociedade, mas também, aponta sobre as formas assumidas pelo Modo de Produção Capitalista para produzir riqueza, gerar lucro e da apropriação privada dessa riqueza por uma das classes sociais, a burguesia. Marx (1859), nos Manuscritos econômicos-filosóficos elaborou uma literatura do modo pelo qual se dá o funcionamento político, econômico e social das relações de produção capitalistas e também das relações sociais aí consolidadas, apontando que a produção material dos indivíduos em sociedade contradiz a lógica funcional do sistema, uma vez que a produção das mercadorias se dá de forma coletiva, mas sua apropriação é individualizada em uma pequena parcela da população, ao passo que essa produção é determinada não pelas necessidades sociais, mas pela necessidade do sistema manter o ciclo da produção, circulação e consumo das mercadorias. Assim Marx (2013) classifica a mercadoria:

A mercadoria é, antes de tudo, um objeto externo, uma coisa que, por meio de suas propriedades, satisfaz necessidades humanas de um tipo qualquer. A natureza dessas necessidades - se, por exemplo, elas provém do estômago ou da imaginação - não altera em nada a questão . Tampouco se trata aqui de como a coisa satisfaz a necessidade humana, se diretamente, como meio de subsistência [*Lebensmitte*], isto é, como objeto de fruição, ou indiretamente, como meio de produção (MARX, 2013, p. 113).

Na análise do autor alemão, portanto, a mercadoria pode ser qualquer coisa pois função precípua é satisfazer um desejo humano, seja ele qual for, desde que seja útil para estas necessidades, que não necessariamente necessitam ser de produção ou reprodução social da vida. É a partir deste debate sobre o que representa a mercadoria no capitalismo e sua centralidade para compreender e também como situar o próprio modo de produção e nos ciclos de

---

<sup>2</sup> Para compreender a classificação dos municípios brasileiros na Assistência Social, ler a Política Nacional de Assistência Social, disponível em:  
<https://cursos.unipampa.edu.br/cursos/servicosocial/files/2015/06/Pol%c3%adtica-Nacional-de-Assist%c3%ancia-Social-PNAS1.pdf>



Encontro Nacional de Pesquisadoras  
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024  
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:  
desafios a uma formação profissional  
emancipatória no Serviço Social

crise a que este modo de organização social vem desenvolvendo ao longo de sua existência, que situamos inicialmente este debate.

Não queremos aqui tangenciar uma linha evolutiva ou mesmo historicizar como se deu o desenvolvimento do capitalismo desde a sua gênese até a face contemporânea, afinal o próprio Marx levou sua vida inteira e dedicou toda a sua obra para fazer tal contribuição, mas, pretendemos apontar alguns elementos da cena contemporânea do capitalismo, trazendo deste modo, algumas linhas, ainda que gerais, para pensar nas formas que este sistema encontra para manter-se vigente ou mesmo, nas saídas que ele encontra diante dos momentos de crise.

O capitalismo é marcado pela luta de classes e das relações de dominação da classe burguesa sobre a classe trabalhadora; pela relação conflituosa e intrínseca entre as classes sociais, mas, não pode ser resumido a estes pressupostos, segundo os quais, possui um complexo de relações sociais que envolve dimensões políticas, econômicas, culturais e sociais que são desenvolvidas e recriadas neste modo de produção.

Para tecer quaisquer considerações a respeito do capitalismo na cena contemporânea, é necessário apontar, algumas das razões que justificam a sua consolidação, mas sobretudo, indicar que a sua construção como modo de produção reflete diretamente na organização social das classes sociais criadas por ele, a classe trabalhadora e a classe burguesa. Desta forma, consideramos não apenas a esfera econômica e produtiva, mas, concomitante a estas, as esferas sociais, políticas e culturais. Justifico a escolha deste caminho metodológico por compreender que a sucessão dos fatos históricos revela que materialmente fora construída a complexidade das relações que hoje estamos inseridas e inseridos.

O primeiro ponto ao qual devo debruçar-me é sobre a apropriação dos meios de produção, para em seguida, compreender o desenvolvimento das forças produtivas e assim, justificar a existência de instituições, tal qual o Estado e o papel que este ocupa na atualidade. Engels (2012) tem uma importante contribuição em ambos os debates. Ele traça a linha histórica que permite compreender como se deu o processo que culmina, essencialmente, na divisão das classes sociais, partindo do princípio da apropriação e da divisão sexual do trabalho como primeiro modo de divisão social trabalho.

O desenvolvimento de todos os ramos da produção – criação de grão, agricultura, ofícios manuais domésticos – tornou a força de trabalho do homem capaz de produzir mais do que o necessário para a sua manutenção. Ao mesmo tempo, aumentou a soma de trabalho diário correspondente a cada membro da gens, da comunidade doméstica ou da família isolada. Passou a ser conveniente conseguir



Encontro Nacional de Pesquisadoras  
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024  
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:  
desafios a uma formação profissional  
emancipatória no Serviço Social

mais força de trabalho, o que se logrou através da guerra; os prisioneiros foram transformados em escravos. Dadas as condições gerais de então, a primeira grande divisão social do trabalho, ao aumentar a produtividade deste, e por conseguinte a riqueza, e ao estender o campo da atividade produtora, tinha que trazer consigo – necessariamente – a escravidão. Da primeira grande divisão social do trabalho, nasceu a primeira grande divisão da sociedade em duas classes: senhores e escravos, exploradores e explorados (ENGELS, 2012, p. 203).

Essa produção excedente, assinalada por Engels, marca fundamentalmente a história da organização de homens e mulheres em sociedade. É a partir deste ponto, que se tem o aumento da produtividade, que a produção passa a ser para além das necessidades da reprodução social, atingindo o patamar da acumulação, que posteriormente, será revertido em trocas. O produto excedente é o primeiro apontamento do surgimento da mercadoria, que conseqüentemente abre caminho para a exploração do trabalho aos moldes que estão dados nos dias atuais.

Autores como Lênin, em seu texto sobre o imperialismo (s/a) e Mészáros (2011), essencialmente, produziram contribuições, dando continuidade na tradição marxista, que possibilitam o entendimento do capitalismo a partir, essencialmente, da fase dos monopólios, em que a economia deixou individualizada em cada Estado e passou a ser mundial, ou seja, as economias de cada Estado passaram a ter abrangência global, ou ainda, houve o processo de mundialização da economia. Ao passo que este estágio fora alcançado pelo capitalismo, o desenvolvimento das forças produtivas chegou ao seu mais alto grau até então. Em nenhum outro momento da história, foram produzidas tantas mercadorias e acumuladas tanta riqueza, ao mesmo tempo, ousado dizer, que em nunca fora registrada tanta miséria, tantas guerras, tanta pobreza concomitantemente. As cenas que vimos noticiar nos últimos anos materializam este pensamento: índices alarmantes de insegurança alimentar, número alto da taxa de desemprego, desvalorização do salário, menor taxa de ocupação da história, a guerra entre a Rússia e a Ucrânia, o genocídio promovido pelo Estado de Israel na Palestina.

No século XX, o capitalismo alcança uma nova fase que representa a mais densa forma de exploração do trabalho vista até então e que tem a finalidade do aumento da taxa de lucros: os monopólios. Nesse período, em que Netto & Braz (2011), assinalam como a terceira fase do capitalismo contemporâneo, após os anos de 1970, ocorrem diversas transformações societárias, das quais intervém diretamente não apenas na produção das mercadorias, a exemplo da revolução científica e técnica, e, na forma da qual, o capital encontra para consolidar-se e reproduzir-se, mas essencialmente na reprodução cotidiana do trabalhador, que, enquanto a



Encontro Nacional de Pesquisadoras  
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024  
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:  
desafios a uma formação profissional  
emancipatória no Serviço Social

classe social oprimida pelo sistema, vê-se em um processo de degradação da totalidade social que o circunscreve, na medida em que, neste dado momento da história, o capitalismo, sob égide da sua expansão, flexibiliza a produção e as relações de trabalho, desregulamenta as relações comerciais e privatiza o patrimônio estatal, atingindo, principalmente os direitos sociais.

A “desregulamentação” e a “flexibilização” que o capital vem implementado hipertrofia as atividades de natureza financeira (resultado seja da superacumulação, seja da especulação desenfreada), cada vez mais autonomizadas de controles estatais nacionais e dotadas, graças às tecnologias da comunicação, de extraordinária mobilidade espaço-temporal. Simultaneamente, a produção segmentada, horizontalizada e descentralizada – a “fábrica difusa” –, que é fomentada em vários ramos, propicia uma “mobilidade” (ou “desterritorialização”) dos polos produtivos, encadeados agora em lâbeis redes supranacionais, passíveis de rápida reconversão. Ao mesmo tempo, os novos processos produtivos têm implicado uma extraordinária economia de trabalho vivo, elevando brutalmente a composição orgânica do capital; resultado direto na sociedade capitalista: o crescimento exponencial da força de trabalho excedentária em face dos interesses do capital (NETTO, 2010, p. 12).

Em face ao processo de reestruturação da produção, o capitalismo vivenciou anos de plena expansão e as “taxas de lucro mantiveram-se ascendentes entre o fim da Segunda Guerra Mundial e a segunda metade dos anos sessenta” (Netto & Braz, 2011: 223). Este período é designado de “anos dourados”, que representa para constituição do capital uma das experiências mais lucrativas da história. Se até meados dos anos 1960 a experiência era de plena expansão, este processo é invertido a partir da década seguinte: se o capital vivenciou uma longa onda expansiva, agora vivenciara uma longa onda recessiva. As décadas de 1970 e 1980, representaram para a economia mundial, especialmente aos países centrais do imperialismo, um período de grave recessão, que acarreta uma série de mudanças, ou melhor dizendo, uma série de ataques a classe trabalhadora, cabendo a esta “o pagamento pela crise”.

Este período de recessão, entretanto, não se finda com a virada do século XX para o século XXI, ao contrário, a crise atinge um novo estágio, especialmente a partir de 2007, quando a economia norte-americana é esfacelada. Uma década após esse estágio alcançado pela crise, o que vimos é, a sua intensificação e a sua ramificação a dimensões sociais, que não apenas da produção e acumulação de capital, vivemos, na verdade, uma crise no próprio modo de produção capitalista, dos setores que o compõem, especialmente no significado de uma de suas instituições mais importantes, o Estado. Diante tal crise, a ofensiva conservadora para conservação do sistema tem sido brutal, recaindo, sobretudo, sobre a classe trabalhadora com altos índices de

desemprego, enxugamento do Estado e das políticas sociais, crise nos poderes e mesmo, no modelo de representação.

Tais processos atingem não só a economia e a política, mas afetam as formas de sociabilidade. Esse cenário, de nítido teor conservador, atinge as formas culturais, a subjetividade, as identidades coletivas, erodindo projetos e utopias. Estimula um clima de incertezas e desesperanças. A debilidade das redes de sociabilidade em sua subordinação às leis mercantis estimula atitudes e condutas centradas no indivíduo isolado, em que cada um “é livre” para assumir riscos, opções e responsabilidades por seus atos em uma sociedade de desiguais (IAMAMOTO, 2014, p. 144).

A partir do cenário exposto, trataremos no próximo ponto, as questões específicas do Serviço Social brasileiro, do qual versam sobre as contradições que envolvem a profissão neste cenário tão perverso, especialmente aos direitos sociais, as políticas públicas e a quem delas necessitam: às (aos) trabalhadoras (es). Nosso debate, versará, portanto, sobre os impactos dessa crise, articulando a atual direção da profissão e a sua intervenção diante a *questão social*.

## 2.1 O Serviço Social diante da atual crise do capital

A aproximação do Serviço Social brasileiro com o marxismo, é determinante nos rumos da profissão após os anos de 1980, quando esse contato torna-se determinação na profissão em seus preceitos teóricos, políticos, éticos e técnicos. A partir do que Netto (2011) denomina de *Movimento de Reconceituação*<sup>3</sup>, o marxismo é, além da teoria que fundamenta a prática profissional e as três dimensões da profissão (teórico-metodológica, técnica-operativa e ético-política), objeto de discussão no seio da formação profissional.

É com a aproximação do marxismo, que o Serviço Social brasileiro estabelece em sua história a interlocução com os interesses da classe trabalhadora, que como assinalado por Silva (2016), não se reduz às mediações dos conflitos catalisados pela relação com as políticas sociais e as(os) usuárias(os): “é no tensionamento da reprodução das relações sociais que a/o assistente social exerce seu trabalho, ao mesmo tempo, faz história, resistências, produz mudanças na vida e contribui com o pensamento crítico” (SILVA: 2016, p. 31).

---

<sup>3</sup> Para aprofundamento deste debate conferir a obra de José Paulo Netto: Ditadura e Serviço Social: uma análise do Serviço Social do Brasil pós-64.



Encontro Nacional de Pesquisadoras  
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024  
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:  
desafios a uma formação profissional  
emancipatória no Serviço Social

No entanto, a aproximação com o marxismo ocorre em um período cuja crise do capital se materializa e mesmo, se agudiza, evidenciando uma série de mudanças que ocorrem não apenas na produção, circulação e consumo de mercadorias, mas também na política, no Estado e nas respostas que esta instituição fornece as demandas da classe trabalhadora, impondo ao Serviço Social uma mínima organização política enquanto categoria profissional, mas sobretudo, no reconhecimento do seu pertencimento à classe trabalhadora, daí destaca-se o significado e a importância assumida, essencialmente nos dias atuais, do conjunto de entidades representativas da categoria profissional com o Conselho Federal de Serviço Social (CFESS), os Conselhos Regionais de Serviço Social (CRESS), a Associação Brasileira de Ensino e Pesquisa em Serviço Social (ABEPSS) e a Executiva Nacional de Serviço Social (ENESSO), cuja articulação fornece as condições objetivas e necessárias para tal reconhecimento e atuação política-organizativa.

É inegável a expansão do Serviço Social em termos quantitativos, para além dos qualitativos. Segundo pesquisa divulgada por Silva (2016), existem hoje no Brasil, cerca de 429 instituições que fornecem o curso, sendo que destas, 87,3% estão em instituições privadas e o curso está entre os dez mais procurados, com 180.379 estudantes matriculados no ano de 2014 na graduação. Se por um lado, estes números mostram que a uma expansão na oferta e na procura do curso, por outro, também deixa nítido que é preocupante a atual situação do Serviço Social da direção social da formação profissional que garanta, por sua vez, as diretrizes curriculares da ABEPSS, sobretudo ao que se refere as formulações que foram acumuladas desde a década de 1980 até os dias atuais e a necessidade desta aproximação para compreender a dinâmica da vida social neste contexto que estamos atualmente: a aproximação com o marxismo, a constituição do projeto profissional, o Projeto Ético-Político da profissão. Como ainda assinala Silva (2016), este cenário ainda é o que se verifica uma formação aligeirada, flexível, tecnicista, precarizada, produtivista, sem valorização da pesquisa, extensão e possui um ensino voltado centralmente para o mercado.

Pelo cenário exposto, uma preocupação é latente nos debates, seja os organizativos da categoria, sejam os mais gerais: a importância de manter o marxismo como orientação teórico-metodológica hegemônica da profissão, para que o quadro descrito no final do parágrafo anterior, não signifique o fim de um projeto e de uma constituição histórica da profissão ou mesmo ameace o projeto profissional que temos atualmente: o da superação da sociedade de classes, tendo a liberdade como valor ético central. É verdade, que com os avanços das forças conservadoras na sociedade, o Serviço Social nunca esteve imune às suas nuances, muito menos



Encontro Nacional de Pesquisadoras  
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024  
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:  
desafios a uma formação profissional  
emancipatória no Serviço Social

das imposições do mercado em que cada instância da vida tem-se tornado mercadoria, o que não exclui as políticas sociais, mesmo os direitos sociais mais básicos, como educação e mesmo a saúde.

É evidente, portanto, que há uma disputa também no bojo da profissão, ao que é concebido pelo projeto profissional, que a partir de determinado momento, apresenta-se como um projeto diferente do projeto societário vigente, e, por vezes, são compreendidos como antíteses. Na verdade, buscando superar este último, as elaborações do Serviço Social após os anos 1980, sobretudo com a criação do Projeto Ético-político da profissão, cuja centralidade é a emancipação humana e a liberdade, que são possíveis, apenas em um outro modelo societário, o Serviço Social se pôs diante uma árdua tarefa, que é a mesma do conjunto da classe trabalhadora, que, desta forma, as(os) assistentes sociais pôde colocar-se a serviço de tal classe.

### 3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao passo que levantamos essa discussão de como a crise do capitalismo se desdobra econômico, social e politicamente, vários elementos, tais quais a dimensão política que o Serviço Social possui, fora se evidenciando, na medida em que apresentamos o cenário atual. Vejamos que, quando falamos desta crise, pode à primeira vista pensar o(a) leitor(a) que o rebatimento primeiro é no próprio capital, mas ao contrário, partimos dos pressupostos e das necessidades reais da classe trabalhadora para compreendê-la, sendo o mais básico e elementar deste processo, o entendimento de que a primeira tarefa colocada à nossa classe é a de sobreviver.

Assim, muito embora tenhamos tratado de modo geral alguns dos principais aspectos que caracterizam esta crise, chegamos na conclusão desta breve apresentação, com um sentimento: é necessário trazer de forma sistemática, não romantizada, nem mesmo pessimista, muito menos com projeções que fujam da compreensão da totalidade social, os rumos do Serviço Social neste estágio de reordenamento do capitalismo. Não queremos com isso, dizer que tal discussão não esteja na fagulha dos debates, ocupando espaços e sendo objeto de menor interesse, queremos, na verdade, chamar atenção para como este debate é central e essencial para o Serviço Social hoje, haja vista que a crise contemporânea do capitalismo, têm ressignificado vários aspectos da vida em sociedade.

Como marxista, fazer projeções é uma tarefa que não nos sentimos confortáveis em fazê-lo. Fazemos na verdade, análises da realidade dada, buscando superar a aparência dos fenômenos. Assim, os dados que trouxemos de uma pesquisa apresentada em uma coletânea de artigos organizados em torno da comemoração aos oitenta anos do Serviço Social no Brasil, nos revela o cuidado e a disputa que está colocada na agenda da categoria profissional atualmente: a defesa do projeto profissional, da direção política hegemônica na atualidade, e, mesmo, na defesa do Projeto Ético-Político, uma vez que os valores, até mesmo os morais, estão em crise e em disputa na sociedade.

A trajetória e o acúmulo teórico que fora gestado dentro e fora do Serviço Social, e, na Academia, sobretudo, proporcionou que chegássemos à posição atual dos rumos e dos posicionamentos profissionais diante da “questão social”. Evidentemente, não nos esquecemos das relações políticas que estão presentes no Serviço Social, sobretudo da aproximação com os movimentos sociais e partidos políticos. Sendo assim, compreendemos que dialeticamente, o Serviço Social não está imune as disputas que ocorrem na sociedade e desta forma, há disputas no interior da profissão: disputas de direção, de orientação teórico-metodológica e também, disputas políticas. Portanto, o cenário atual, dentro e fora da profissão, nos convida a uma tarefa essencial, que é na verdade, uma tarefa colocada desde ascensão do capitalismo enquanto modo de produção: nos organizarmos enquanto classe social, enquanto trabalhadoras(es), para a destruição desse sistema, visando uma sociedade em que o fundamento central seja a igualdade e a liberdade.

## REFERÊNCIAS

BAPTISTA, Myrian Veras. Planejamento Social: intencionalidade e instrumentação. São Paulo: Veras, 2003.

BEHRING, Elaine; BOSCHETTI, Ivanete. Política Social: fundamentos e história. São Paulo: Cortez, 2011

ENGELS, Friedrich. **A origem da família, da propriedade privada e do Estado**. São Paulo: Expressão Popular, 2012.

FERNANDES, Florestan. A Revolução Burguesa no Brasil: ensaio de interpretação sociológica. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1987. 3- ed.



Encontro Nacional de Pesquisadoras  
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024  
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:  
desafios a uma formação profissional  
emancipatória no Serviço Social

IAMAMOTO, Marilda Villela. Capital fetiche, questão social e Serviço Social *in* **Serviço Social em tempo de capital fetiche: capital financeiro, trabalho e questão social**. São Paulo: Cortez, 2014. (Pág. 105 – 208)

LÊNIN, Vladimir. **Imperialismo, etapa superior do capitalismo**. Disponível em: <  
<https://pcb.org.br/portal/docs/oimperialismo.pdf>>. Acesso em: 14 de fevereiro de 2018.

MARX, Karl. A mercadoria *in* **O Capital: crítica da economia política** - Livro 1. São Paulo: Boitempo, 2013. (p. 113 - 158).

\_\_\_\_\_. A lei geral da acumulação capitalista *in* O Capital Livro I. São Paulo: Boitempo, 2013. (Pág. 689-784)

\_\_\_\_\_. Prefácio da primeira edição *in* O Capital Livro I. São Paulo: Boitempo, 2013 (Pág. 77–81).

\_\_\_\_\_. Para a crítica da economia política *in* Manuscritos econômicos filosóficos e outros textos escolhidos. São Paulo: Abril Cultural, 1978 (Pág. 101-132).

MÉSZÁROS, István. **A crise estrutural do Capital**. São Paulo: Boitempo, 2011.

MIOTO, Regina Célia Tamasso. Estudos Socioeconômicos. *In*: CFESS/ABEPSS. Serviço Social: Direitos sociais e Competências Profissionais. Brasília: CFESS/ABEPSS, 2009.

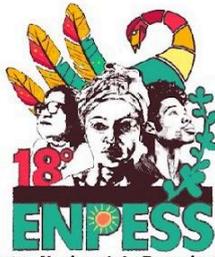
MOTA, A. E. Serviço Social brasileiro: insurgência intelectual e legado político. *In*: SILVA, M. L. de Oliveira. (Org.) **Serviço Social no Brasil: história de resistências e de ruptura com o conservadorismo**. São Paulo: Cortez, 2016. (p.165-182).

NETTO, José Paulo. **Capitalismo Monopolista e Serviço Social**. São Paulo: Cortez, 2011.

\_\_\_\_\_. **Introdução ao estudo do método de Marx**. São Paulo: Expressão Popular, 2011.

\_\_\_\_\_. Para uma história nova do Serviço Social no Brasil. *In*: SILVA, M. L. de Oliveira. (Org.) **Serviço Social no Brasil: história de resistências e de ruptura com o conservadorismo**. São Paulo: Cortez, 2016. (pág. 49 – 76)

\_\_\_\_\_. Uma face contemporânea da barbárie. *In*: ENCONTRO INTERNACIONAL "CIVILIZAÇÃO OU BARBÁRIE", 2010. Disponível em: <  
<http://pcb.org.br/portal/docs/umafacecontemporaneadabarbarie.pdf>>. Acesso: 17 de fevereiro de 2018.



Encontro Nacional de Pesquisadoras  
e Pesquisadores em Serviço Social

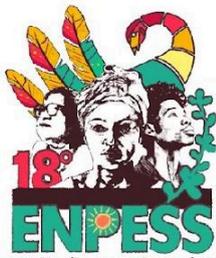
10 a 14 de dezembro de 2024  
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:  
desafios a uma formação profissional  
emancipatória no Serviço Social

NETTO, José Paulo & BRAZ, Marcelo. **Economia Política: uma introdução crítica**. São Paulo: Cortez, 2011.

SILVA, M. L. de Oliveira. Apresentação: Serviço Social no Brasil: referências aos 80 anos. In: SILVA, M. L. de Oliveira. (Org.) **Serviço Social no Brasil: história de resistências e de ruptura com o conservadorismo**. São Paulo: Cortez, 2016. (p.25-48).

VASCONCELOS, Ana Maria de. *A/O Assistente Social na luta de classes: projeto profissional e mediações teórico-práticas*. São Paulo: Editora Cortez, 2015.



**Encontro Nacional de Pesquisadoras  
e Pesquisadores em Serviço Social**

10 a 14 de dezembro de 2024  
ISSN 2965-2499

---

**Relações de classe e raça-etnia:  
desafios a uma formação profissional  
emancipatória no Serviço Social**